

JOÃO MACEDO CORREIA

ACHEGAS PARA O ESTUDO DAS
LOUÇAS DE BARCELOS



MUSEU DE CERÂMICA POPULAR PORTUGUESA
BARCELOS

MCMLXIX

8(469.12)(04)
DR

Separata de

OLARIA

Boletim do Museu de Cerâmica Popular Portuguesa

Número 1 • Dezembro de 1969

Composto e impresso nas Of. Gráfs. da Companhia Editora do Minho — Barcelos



JOÃO MACEDO CORREIA

Barcelonense

Penn.

ACHEGAS PARA O ESTUDO DAS LOUÇAS DE BARCELOS

1. COSTUMES QUE DESAPARECEM *

APESAR de quanto se tem escrito sobre as louças de Barcelos, não foram ainda praticamente encarados muitos dos seus aspectos. Passemos hoje um relance por alguns velhos costumes dos seus louceiros, costumes que desaparecem a olhos vistos, e que por isso convém pôr em memória.

O pessoal que trabalha o barro, forma com suas famílias, como que uma sociedade à parte, constitui uma espécie de comunidade com características próprias. Ainda há poucos anos um lavrador local se sentia injuriado se uma sua filha namorasse um *forriqueiro* (designação que abarcava o oleiro e o barrista, e que é a mais eloquente prova do desprezo em que estes eram tidos pelo homem da lavoura). Os louceiros, patrões e operários, eram considerados de humilde condição e indignos de uma filha de um lavrador. A sua indústria, a indústria *dos cacos*, não merecia a consideração de ninguém. Talvez esta permanente humilhação a que estava sujeito tenha aberto caminho ao nomadismo do louceiro de Barcelos: de feira em feira, para conseguir trocar os *cacos* pelas ansiadas moedas, percorria o País de lés a lés. Do que não restam dúvidas é que foi assim que se fez a primeira propaganda das louças de Barcelos;

* Publicado no «Suplemento Literário», 698, «Jornal de Notícias», Porto, 24-8-67.

foram os próprios fabricantes que as levaram a toda a parte e foram criando os seus primeiros longínquos fregueses.

A comunidade cerâmica, alheia ao ambiente que a menosprezava, trabalhou sempre diligentemente na luta pela vida. Fabricantes e operários labutavam na maior harmonia e alegremente. Trabalhava-se, folgava-se e o tempo passava sem se dar por isso. Na fábrica era permitido falar, assobiar e até cantar ao desafio!...

Francisco de Sousa, o saudoso *ti Francisco do Monte*, o tão popular oleiro e modelador há pouco falecido, ao dom muito natural que possuía de brincar com o barro, aliava um espírito folgazão e sempre alegre, uma tendência irreverente para mentir (mentia a toda a gente e era muito difícil saber-se quando falava verdade) e era um grande cantor com versos de improviso! Na fábrica onde trabalhou dezenas de anos antes de se estabelecer por conta própria, muitas vezes se pegava ao desafio com outro operário seu vizinho e amigo, o Rodrigo Coelho, e então era ouvi-los horas seguidas a trabalhar e a cantar ao desafio. Juntava-se gente a ouvi-los e o patrão, em vez de se zangar, mandava servir vinho, broa e azeitonas a todos! Mas o trabalho também se fazia, se não era de dia, *a noite não tinha cancelas*...

Os salários eram estipulados *a de comer*, e ao meio-dia (ao jantar) e à noite (à ceia) os operários comiam à mesa do patrão com ele e sua família. Os que eram de longe, comiam e dormiam na casa do patrão; à noite rezava-se o terço, no fim da reza beijavam a mão do patrão e da patroa e só depois de por eles abençoados recolhiam à cama. Para os operários, os patrões eram os representantes de seus pais, a quem obedeciam religiosamente.

Era, e ainda é, muito frequente um operário casar com a filha de um patrão. Os operários convidam os patrões para padrinhos dos filhos, e muitas vezes também se dá o inverso. Ninguém se deve surpreender ouvindo numa fábrica o tratamento de compadre entre patrão e operário. Outra familiaridade comum é o operário tratar o patrão por «tu», recebendo deste o respeitoso tratamento de «vossemecê». É que na hierarquia da comunidade dos oleiros barcelenses a idade tem categoria, e a posição social quase não conta. Numa eleição para junta de freguesia, para direcção duma

confraria, para uma comissão de festas, etc., patrões e operários andam misturados e confraternizam sem qualquer relutância. Nas horas livres, divertem-se juntos sem retraimento ou respeito de espécie alguma.

A região louceira de Barcelos esteve sempre entregue a si mesma. Como instrução, nem a primária. Por isso, os louceiros foram autodidactas, inventaram a sua escrita, a sua contabilidade e eram as fábricas as suas escolas profissionais. Os rapazes, *quando já chegavam com os pés à roda*, iam para uma fábrica iniciar a sua aprendizagem. No primeiro ano tinham de levar o pão, sendo-lhes fornecido pelo patrão o caldo e o presigo. Depois, *quando já não estragavam barro* e produziam alguma coisa, já não tinham que levar a broa e, no último ano de aprendizagem, muitos já ganhavam dinheiro. A aprendizagem à roda durava, mais ou menos, três anos.

A vida do louceiro, operário e patrão, foi sempre difícil. É necessário trabalhar muito. A popularidade que a louça conquistou custou aos louceiros muito sacrifício. Foi a tenacidade destes obreiros que derrubou o muro social que isolava a sua comunidade. O vento mudou... e hoje, quem dera a muitos lavradores verem suas filhas casadas com *forriqueiros*... Os lavradores já procuram dar aos seus filhos a profissão de oleiros!

O vento mudou. Mas muitas coisas mudaram para pior. Os oleiros já não são ensinados nas fábricas e hoje não há artistas capazes de realizarem trabalhos iguais àqueles que foram apresentados na Feira de Amostras do Minho, em Braga, em 1928. Os operários ganham mais dinheiro, mas não têm a alegria daqueles que dantes faziam rifas e outras diversões; ganham mais dinheiro... e estão cada vez mais pobres e menos preparados para a vida; nem conseguem, quando atingem a idade madura, tornar-se industriais como acontecia antigamente com os operários, que depois de terem sido bons artistas passavam a competentes fabricantes.

Onde está o progresso?

A olaria de produção por molde progride porque copia e decalca. A olaria de roda está em franca e assustadora decadência.

Os compadres vão rareando, e em contrapartida multiplicam-se as quezílias nos tribunais de trabalho a dividir em duas classes rivais esta comunidade que vivia em tão boa paz e concórdia.

Já se não fazem rifas de violas nem de harmónicas, no entanto ainda existe muita coisa boa que se pode preservar e ainda se pode restabelecer muita outra que está a morrer. Que os responsáveis vejam e actuem sem demora e como convém.

2. A VARIAÇÃO SAZONAL DA PRODUÇÃO

Os louceiros da região de Barcelos tiveram sempre por norma *não fazer empate*, isto é, não trabalhar para armazém; fabricar e vender.

Pode à primeira vista parecer que a explicação ou o motivo estará na falta de capital ou de armazéns apropriados, e até certo ponto estará certo, mas a principal causa é os clientes preferirem sempre a louça ao sair do forno e fugirem da armazenada, alegando que a louça «velha» não é tão bonita...

Regra geral, os fabricantes regulam o fabrico de harmonia com a procura. De um ponto de vista comercial podemos dividir as louças de Barcelos em duas espécies: as louças de consumo diário, e que portanto se fabricam todo o ano; e as louças que se vendem apenas durante uma certa época do ano. São estas que aqui descrevemos como «louças sazonais» e delas vamos falar.

Quem visitar com frequência as muitas oficinas e fábricas dos oleiros e barristas da região barcelense, verificará que em cada época todos se votam ao mesmo género de produção, variando este com a estação do ano ou com o calendário religioso. Assim, logo no princípio do ano, começam a trabalhar para as feiras e romarias que se avizinham: S. Bento, Cruzes, Matosinhos... Ao fabrico normal diário, que tem saída todo o ano, e ao fabrico extraordinário destinado à exportação acrescenta-se pois aquele que tem em vista a clientela das feiras e romarias. Porém, há fabricantes que só trabalham para as feiras, e, após as lou-

ças prontas e em quantidade bastante, encerram a oficina e lá se vão deabalada por essas feiras fora, como nómadas, a vender o que fabricaram. Têm quem lhes compre a louça na oficina, ao preço corrente, mas preferem ir vendê-la, têm necessidade de ar livre...

Não há feira ou romaria sem as louças de Barcelos. A sua presença, vistosa e variada, também é indispensável para dar mais vida e animação ao arraial e para que oromeiro se não retire sem a indispensável lembrança da festa ou da localidade, cujo nome, por vezes, a própria louça tem gravado.

Além das feiras e romarias na sua generalidade, os bonequeiros de Barcelos dedicam especial atenção aos festejos a Santo António, S. João e S. Pedro, fabricando, especialmente para estes, os bonecos das cascatas. Com os bonecos de barro de Barcelos, que só nesta data se fabricam, em todo o País e por todos os cantos se armam cascatas, que constituem um dos mais curiosos motivos dos festejos dos santos populares.

Ainda o Natal vem longe e já as oficinas se preparam para o fabrico de milhares e milhares de figuras para presépios: fazer os modelos, tirar as formas...

Na Primavera fabricam-se os vasos para plantas e na Quaresma as formas para o fabrico do pão-de-ló.

No Verão, os hidrocerames, os cântaros para o sulfato, as canecas para o vinho, tigelas para a marmelada, boiões para mel, talhas para o azeite ou para curtir a azeitona, assadores para assar as castanhas, tigelinhas de iluminação¹.

No Outono, as louças para a matança e para guardar o pingue, as tigelinhas para a resina (resineiras), o figurado para os presépios.

A produção de Inverno é a menos rendosa: o frio dificulta o fabrico, e a humidade atmosférica a secagem das louças e dos moldes.

¹ As tigelinhas de iluminação destinam-se às romarias para de noite formar as bem conhecidas iluminações com lumes vivos, de um efeito feérico sem igual. Mas também se utilizam no dia de Fiéis Defuntos, para iluminação das sepulturas, enchendo-se, neste caso, de cera em lugar de sebo e parafina.

Tanto entre os oleiros, como nos bonequeiros ¹, há várias especialidades. Por exemplo: uns oleiros trabalham exclusivamente o barro fosco, outros a olaria comum vidrada, outros as louças polidas, outros são canequeiros, etc. Do mesmo modo, uns bonequeiros fabricam o figurado (a produção ingênua sem anatomia nem pormenores), e outros trabalham na produção com bom acabamento. Desta maneira, encontramos as fábricas e os artistas divididos por especialidades com características muito diversas, mas todos, mais ou menos, subordinados ao calendário. Independente da produção diária das louças de consumo regular, temos pois a produção para feiras, cascatas e presépios; produção de Inverno, de Primavera, de Verão e de Outono.

Certamente que em todas as regiões oleiras se verifica idêntica variação sazonal da produção, de harmonia com as necessidades dos trabalhos agrícolas próprios de cada estação, de acordo com as datas das festas, etc., porque é lógico que se fabrique sempre em primeiro lugar aquilo que tem procura mais imediata e ofereça portanto maior garantia de lucro. Mas nota-se talvez mais essa variação em Barcelos devido à grande variedade de produção. Há tempos, uma entidade que pretendia explicar a grande variedade de fabrico nas louças de Barcelos, querendo afirmar que aqui se faz de tudo, teve esta expressão humorística: «Em Barcelos não se pinta o diabo porque ainda o não apanharam a jeito». Mas este Senhor, apesar de tudo, estava mal informado: — Os louceiros de Barcelos pintam o diabo e até o reproduzem, pintam o diabo e fazem o diabo...

3. OS SERÕES NAS COZIDAS

A cozedura das louças vidradas constitui um acontecimento de bastante importância porque nela se joga uma cartada decisiva. Para muitos fabricantes, o valor da louça

¹ Na linguagem local, oleiro é só o operário que trabalha à roda, o rodista; os bonequeiros não são considerados oleiros, são formistas, modeladores, ou fabricantes de figurado, conforme a especialidade em que se



1. Barcelos. Fabrico de miniaturas polidas: o oleiro da esquerda abre peças, e o da direita, servindo-se também do torno, está a afeiçoá-las e a poli-las.



2. Galegos S. Martinho, Barcelos. Com oitenta e três anos de idade, semiparalítico, o oleiro e barista João Maciel, da família dos «Padeiros», ainda trabalhava: aqui se nos mostra a aplicar o vidro em loucinha de brincar. Abril de 1964. Cliché de E. Lapa Carneiro.



3. Galegos Santa Maria, Barcelos. Rosa da Conceição Gonçalves Rodrigues, criada do oleiro Eduardo Fernandes de Sousa, a pintar loucinha de brincar. Agosto de 1963. Cliché de E. Lapa Carneiro.



4. Barcelos. Forma de pão-de-ló. Col. do M. C. P. P. 5. Barcelos. Tigelinhas para iluminação de arraiais. Col. do M. C. P. P.

duma cozedura representa todo o seu capital, e a cocção das louças vidradas é uma operação delicada, que pode significar a prosperidade ou a desgraça do fabricante. Por este motivo, são poucos os que se afoitam ao seu fabrico ¹.

As cozidas, por outro lado, e especialmente no Inverno, são motivo de reunião, sempre desejada e festejada. Graças ao calor, as mulheres secam as roupas lavadas e, ao fim, ficam todos em longas conversas onde se fala de tudo. São verdadeiros serões que, muitas vezes, se prolongam por toda a noite ou até alta madrugada. Serões onde se não trabalha; apenas se contam histórias.

O progresso, levando até às aldeias as facilidades de transportes, as possibilidades do cinema, as delícias da rádio e da TV, deu um golpe profundo nestes serões de valor místico que tanto me deleitavam em menino. O assunto andava quase sempre à roda de acontecimentos misteriosos, bruxas, bruxedos, corredores, lobisomens... O ambiente aquecido pelo calor irradiado do forno fazia esquecer os rigores do Inverno ali a meia dúzia de metros e convidava ao convívio. Espalhava-se faúla no chão que assim nos servia de leito delicioso e as histórias não se faziam esperar.

Em todas as terras há pessoas que pelos seus hábitos invulgares e insociais, pelo seu viver misantropo e costumes estranhos se tornam misteriosas e propícias para servirem de vítimas dos criadores de histórias. Outros tipos, pelo contrário, aparecem em toda a parte, falam pelos cotovelos, sabem tudo de tudo, muito embora não conheçam uma letra nem que esta seja do tamanho dum boi; tornam-se extraordinariamente populares e são os bobos das festas e os narradores de intermináveis histórias fantás-

ocupam, muito embora na tabela oficial dos salários mínimos estejam discriminados oleiros-rodistas, oleiros-de-lambagem, oleiros-formistas, etc.

¹ Quando acontecia *alagar-se* uma fornada, isto é, ruir por defeito de enforamento ou por excesso de humidade atmosférica que provoca o amolecimento do barro, era de uso reunirem-se ao fabricante um ou dois colegas, e percorrerem a freguesia e até mesmo as freguesias vizinhas a pedir uma esmola para cobrir os encargos da fornada perdida. Da mesma maneira faziam os lavradores quando lhes morria de desastre ou doença um boi ou uma vaca.

ticas, das quais sempre apresentam testemunhos ou provas incontestáveis. Os primeiros tornam-se, naturalmente, vítimas dos segundos.

O nosso povo, profundamente religioso, é igualmente profundamente supersticioso. Mistura religião com crenças, práticas religiosas com bruxedos, e acaba por não saber diferenciar uma coisa da outra. Almas do outro mundo, almas penadas, maus olhados. É tão necessário fazer-se benzeduras como defumadouros para afugentar os espíritos malignos e as bruxas malfazejas. Cumprem-se à risca todas as determinações das mulheres de virtude, muito embora nem sempre se cumpram os dez mandamentos...

Às trindades devem fechar-se as janelas, e é perigoso assomar a elas. Certa pessoa que não respeitou esta regra ficou doente porque os espíritos entraram nela. Outra, ficou logo fulminada — mortinha de todo — porque teimou em rezar à janela...

Certas pessoas, coitadinhas, são corredores e outras lobisomes, e, muito em segredo, lá vão anunciando os nomes (geralmente, são as tais pessoas que na freguesia fazem vida à parte as visadas, não lhes perdoando a insociabilidade); coitadinhas, de noite, em vez de descansarem, de dormir, lá vão elas por esses caminhos fora e por esses ares a correr o seu fado em forma de cães ou de lobos... E o fado só acaba quando algum corajoso conseguir ferir o animal ao ele passar na sua correria louca...

Também certas mulheres conhecidas (claro, os seus nomes passam de boca em boca mas em grande segredo...) são bruxas e de noite lá vão elas em grandes viagens por esses ares, sabe-se lá para onde... As bruxas reúnem-se muitas vezes no monte de Airó, e quando essas reuniões se faziam de dia, ai do desgraçado que se atrevesse a olhá-las quando elas lá estivessem a dançar... Certa pessoa que a isto se atreveu um dia, se não fecha a janela tão depressa, tinha apanhado com um pente, que assim, ficou espetado na janela, e para prova, lá está a marca... Nessa altura estavam elas a pentear-se.

Uma ocasião, seguiam, estrada fora, em carro de cavalos, duas senhoras. Era de noite. Ao passarem numa recta desabitada, de repente, desaparece a estrada e viram-se,

assombradas, na frente de uma grande eira cheia de feiticeiras a dançar! Felizmente que o cocheiro já estava dentro daqueles segredos; voltou-se para as senhoras e tranquilizou-as: — Não se assustem que eu afugento-as já. — Levantou-se, despiu as calças, e, como por encanto, tudo desapareceu e novamente se encontram na estrada, seguindo o seu caminho sem mais incidentes.

Contavam-se histórias fantásticas! A imaginação desta gente é extraordinariamente fecunda neste género de acontecimentos. Mas também se praticavam toda a sorte de sortilégios, ritos e mezinhas.

Temos uma criancinha doente? Eis o remédio infalível: Apenas necessitamos de um João e uma Maria. Levamos a criança para o monte, de noite, onde haja um carvalho seco. Ali, o João toma a criança, passa-a pelo carvalho: — Pega lá Maria. — Que me dás João? — Um menino passado pelo carvalho sequinho. — E pronto! O menino logo começa a melhorar e em pouco tempo está duro como um pêro!

Se quisermos que morra uma pessoa que odiamos, também é assunto de fácil execução: Recolhemos qualquer resto de comida, de alimento dessa pessoa, metêmo-lo dentro da boca dum sapo, cosemos a boca do sapo e à medida que este vai definhando assim a tal pessoa vai mingando e morre no mesmo dia do sapo... Também há quem dê esmolas ao Senhor dos Passos de Manhente com o mesmo fim... e assim, nem temos o trabalho de coser a boca do sapo...

O oleiro é supersticioso como todo o povo com quem convive. Acredita religiosamente em todas as histórias. Diziam os narradores: desgraçadinho de quem não acreditar...

Crendices relacionadas com o fabrico da louça não conheço nenhuma, a não ser a das feiticeiras a dançarem na padieira do forno.

Como já referi, a cozedura das louças vidradas é uma operação muito delicada. O fabricante desconhece os mais rudimentares elementos de física e química, mas sabe, graças à rotina que a prática lhe ensinou, os processos de conduzir a cozedura. Porém, muitas vezes esta apresenta ano-

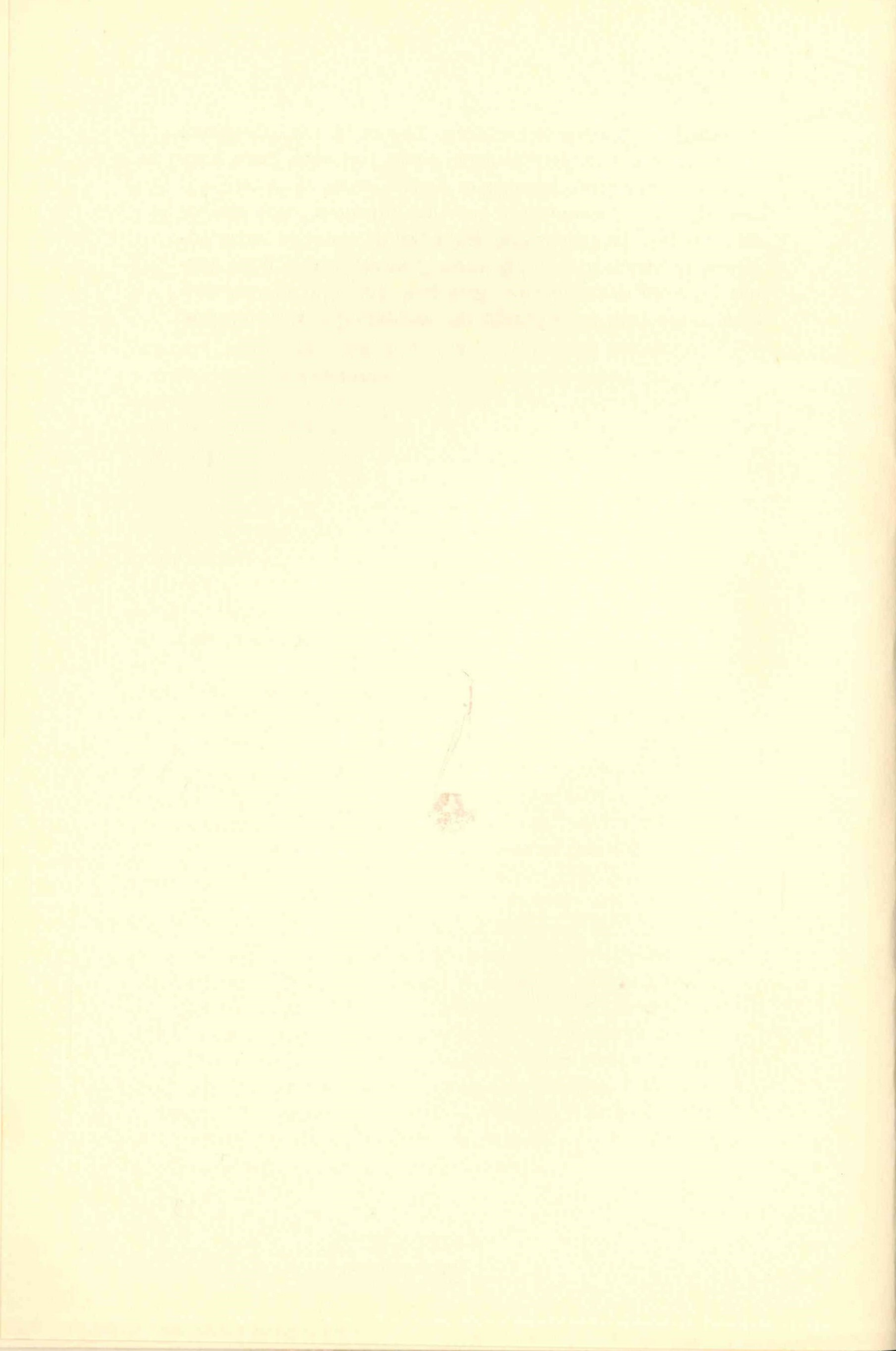
malias que escapam aos seus conhecimentos. Não admira por isso que ele recorra aos santos, às almas do Purgatório e às práticas mágicas que a sua imaginação lhe sugere ou o compadre aconselha.

Um forno novo nunca se estreava sem primeiro nele se queimarem ervas de poder mágico contra os maus espíritos e maus olhados.

Quando um forno, depois de afinado e ter dado boas fornadas, estragava louça ou, durante a cozedura, se recusava a trabalhar convenientemente, eram as feiticeiras que lá estavam a fazer das suas... Se a lenha não ardia, se a labareda saía para fora, se o fogo circulava mal, se afogalhava, eram feiticeiras ou maus olhados. Qualquer fenómeno menos vulgar que escapasse à sua compreensão, era mal que requeria água-benta ou trovisco, rosmaninho, alecrim ou sal.

Mas o caso mais curioso, a que muitas vezes assisti, eram as feiticeiras a dançar nas padieiras dos fornos. Os gases da combustão que se escapam por entre os tijolos da porta e a padieira vão depositando resíduos de carvão nessas mesmas padieiras, ainda húmidas devido à evaporação provocada pelo calor interior do forno que vai irradiando através das paredes. E quando estas padieiras atingem um certo aquecimento, os gases então incendeiam o carvão aí acumulado, que se torna incandescente duma maneira muito engraçada, assemelhando bichinhas luminosas a rabiar. Muitas vezes produzem mesmo efeitos caprichosos. Quando isto acontecia, diziam os oleiros que eram as feiticeiras a dançar, e, pelo sim pelo não, parava-se a cozedura, queimava-se alecrim ou coisa de poder mágico semelhante para as afugentar... Mas na verdade, o remédio era de bons efeitos, porque o que provocava este fenómeno era o excesso de gases que, não se queimando, provocam graves defeitos nos vidrados e nas cores destes. A paragem facilita a saída ou completa combustão desses gases, restabelecendo-se assim a atmosfera oxidante indispensável, e o forno, portanto, retomava o seu bom funcionamento. Para eles, eram as feiticeiras que se iam embora, graças ao alecrim, e lá se ia a dança... Recomeçava-se então a cozedura e se o acidente se repetisse, repetia-se também o remédio... e a cozedura terminava sem perigo para as louças...

Hoje os tempos são outros. Talvez já não acreditem em feiticeiras, mas o fenómeno ainda não tem, para eles, explicação aceitável, e como os fornos agora já experimentam alguns melhoramentos que lhes permitem uma melhor combustão e as portas são fechadas de maneira mais eficiente, o fenómeno é muito raro. Em seu lugar, ficou apenas o perigo das «fogueiras grandes», que aqui neutralizam igualmente com a suspensão da cozedura por uns minutos.



biblioteca
municipal
barcelos



12134

Achegas para o estudo das
louças de Barcelos